

revista **PRIMAX**
eletrônica

OBRAS DE GUIDO BILHARINHO
ARTE E CULTURA

UBERABA/BRASIL
ABRIL 2022
ANO II

Nº 14

EDITOR
GUIDO BILHARINHO
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
GABRIELA RESENDE FREIRE

PRIMAX 14

SUMÁRIO

QUESTÕES

- A Angústia do Artista Contemporâneo:
A Possibilidade de Destruição da Vida na Terra 5

LITERATURA

- A Trama Aventuresca de José de Alencar
As Minas de Prata (1865) 13

CINEMA

- A Vanguarda Cinematográfica Francesa
da Década de 1920 22

HISTÓRIA DO BRASIL

Controvérsias

- Os Jesuítas 33

FICÇÃO

- o jornal 40

POESIA

- vigília 42

INDICAÇÕES

- Melhores Filmes Europeus
Obras-Primas – Ótimos – Muito Bons - Bons 44
Lançamentos:
Poetas Americanos em Dimensão 49
Montezuma – peça teatral 50
Blogs Culturais 51

ESTE E NÚMEROS ANTERIORES NO BLOG

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

E-MAILS

guidobilharinho@yahoo.com.br
guidobilharinho2703@gmail.com

“A ARTE É UMA CONFISSÃO DE QUE A VIDA NÃO BASTA” – FERNANDO PESSOA

ABSTRACT

Issues

The Anguish of the Contemporary Artist

After the advent of the possibility of destruction of life on earth by force of the establishment of the “*czenia between atoms*” and the “*infuriation of matter*”, according to the brazilian poet from the city of Patos de Minas, region of the historic and geographic Triangle, Ricardo Marques, artists lost the certainty and hope of the perpetuity of their artistic production.

Literature

The Adventurous Plot of José de Alencar

Between exaltation and restriction goes through the time the novel *The Silver Mines* (As Minas de Prata, 1865), by the brazilian writer José de Alencar (1829-1877), confined in the frames of romanticism that extrapolated from reasonableness in its insertion in the broad coordinates of unlimited imaginative load, shaped, however, by the accentuated flexibility of language, brilliance of style and verbal pertinence.

Cinema

The French Cinematographic Avant-Garde

The most brilliant period of cinema (the 1920s) has in the cinematographic work the avant-garde of Clair, Dulac, Man Ray, Duchamp and Léger its most importante artistic production, in which the privilege of form elevates it to the maximum creative and inventive possibility.

History of Brazil – Controversies

The Jesuits

In the series about controversial acts, facts, events and individual performances in the History of Brazil (initially exposed in numbers 3 and 6 of this magazine), the presence, organization and activities of the jesuits in the country is one of the most discussed, given its relevance and influence during the colonial period, divided between catechesis, use of indigenous labor and mercantil activism.

Indications

The Best European Films

After pointing out the lists of the best films in the United States, here are those referring to european cinema, continent where cinema was born and initially developed.

AUTHORIZATION

Authorized the free publication and, where appropriate, translation of texts in this magazine, indicating the authorship.

(for Google)

Questões

A ANGÚSTIA DO ARTISTA CONTEMPORÂNEO: A POSSIBILIDADE DE EXTINÇÃO DA VIDA NA TERRA E A DESTRUÇÃO DA CERTEZA E ESPERANÇA NA PERENIDADE DA ARTE

A civilização humana na face da terra era eterna. Até meados do século XX. Não o é mais.

A partir do domínio da energia atômica e sua utilização (e constante aperfeiçoamento) para fins bélicos e de destruição, a existência do ser humano e de toda vida animal e vegetal no planeta encontra-se ameaçada. Ameaça real, concreta, factível. O desencadeamento de uma guerra atômica fatalmente extingue a vida na terra. Numa circunstância dessas, foge a qualquer controle o poder de destruição aperfeiçoado e acumulado.

Vive o mundo o drama (terrível) de estar sob verdadeira espada de Dâmocles. Uma espada atômica, que, movimentada, é irrefreável. Até mesmo por fatores técnicos incontrolláveis. Seja pela *“possibilidade, levantada com detalhe num livro de Jonathan Schell, The Fate of the Earth (O Destino da Terra), de que um único desses mísseis faça emudecer todas as comunicações do planeta, tamanha a “estática” que provocaria. Mais uma vez, esse silêncio levaria todos os comandantes dos*



PAULO FRANCIS

EUA e da URSS, impossibilitados de falarem a superiores, a dispararem tudo que têm”. Seja pelo fato de que “não há, de resto, ‘botão’. Todas as armas nucleares americanas e soviéticas estão ligadas por circuito eletrônico a computadores que, por sua vez, em outro circuito (feixes de circuitos), estão ligados aos sensores (radar, etc.) que, se

*receberem sinais negativos (em suma, de ataque), acionarão o circuito que dispara mísseis terrestres e “comanda” os mísseis submarinos e em aviões” (Paulo Francis. “Um Único Disparo, e a Aniquilação Será Automática”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 04 agosto 1985).*

Iniciada a guerra, liberadas e utilizadas as armas nucleares, desaparece a possibilidade de sobrevivência em qualquer recanto do planeta, mesmo que sua ação se restrinja, como se supõe, apenas ao hemisfério norte.

Nesse palco trágico são concentradas as consequências mais graves, violentas e fulminantes, causadas, conforme conclusões de grupo de cientistas de várias partes do mundo, divulgadas, no Brasil, por Rogério C. Cerqueira Leite (“A Extinção da Humanidade: Sumário Para Executivos”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 março 1984), “pela intensa radiação

eletromagnética (luz), o impacto de ondas de pressão e contrapressão em pessoas e edificações e a combustão dos mesmos objetos por efeito da liberação de calor”. Além dos efeitos posteriores nos sobreviventes, resultantes da exposição à radioatividade nuclear.

Contudo, se o hemisfério sul fica praticamente isento de consequências imediatas – sendo apenas (?) atingido por precipitações radioativas – não escapa, segundo estudos mais recentes constantes das referidas conclusões, do que se convencionou denominar de *“inverno nuclear”*, originado pelo

bloqueio da luz solar por milhões de toneladas de poeira e fumaça lançadas na atmosfera, que, interrompendo o processo de fotossíntese e reduzindo drasticamente a temperatura, extermina



plantas, congela a água e afeta a produção alimentar. Consoante tais estudos, essas consequências climáticas extremas são, a médio e longo prazos, quase idênticas em ambos os hemisférios, ocorrendo mesmo que na guerra se utilize apenas 1% (um por cento) do arsenal nuclear existente.

Esse o quadro. Face a ele avulta particularmente, entre todos, o drama do artista (e de todo criador, inventor e pensador).

Para além de sua aptidão e necessidade imediata de expressão e até de comunicação, possui o artista, como *leitmotiv* supremo, a permanência e eternização de sua obra. Todo verdadeiro artista tem consciência do valor e significado dessa obra. Não a tivesse, não poderia e nem saberia construí-la. Essa consciência (acrescida, desenvolvida e resultante de aptidão, sensibilidade, pesquisa e trabalho), envolve o pleno domínio de seu meio de expressão e nítida visão crítica do mundo, que se não confunde, esta última, com meras atitudes de revolta e inconformismo geradas por problemas psicológicos ou outros, mesmo que também ocorrentes.

Posições, como a de Fernando Pessoa (com apenas, de poesia, um livro, *Mensagem*, e os folhetos dos *English Poems* e dos *35 Sonnets* publicados em vida), que, segundo consta, instado a editar sua poesia (esparsa em revistas e jornais), teria afirmado que se ela tivesse valor alguém a editaria no futuro (o que realmente ocorreu), não deve levar a crer que escritor de seu nível não tivesse consciência do valor de sua obra. Pelo contrário. Essa atitude demonstra tranquilidade a respeito. Ao artista, aliás, são dispensáveis as glórias imediatas. Basta-lhe a eterna.

No entanto, essa lhe foi subtraída.

Antes que se espalhasse a “*cizânia entre os átomos*” e se “*enfurecesse a matéria*”, desencadeando “*seu ódio inumerável*” e soltando “*ao vento os cavalos atômicos*” (Ricardo Marques, in “*Poema Interrogativo*”, de *Voo Sem Pássaro*, Patos de Minas, 1977), o artista mergulhado em (e acicatado por) todo tipo de problemas e angústias (uma delas, a da própria criação artística),

tinha, pelo menos, a certeza de que estava construindo e deixando uma obra para a humanidade usufruir para sempre. De que estava enriquecendo o patrimônio artístico e cultural da civilização. Contribuindo para seu engrandecimento e aperfeiçoamento. E mesmo não tivesse tanta certeza disso (admita-se, para argumentar), possuía, ao menos, a esperança.

Todavia, também essa lhe foi roubada.

Hoje, no lugar da eternidade das coisas,



sua transitoriedade. A possibilidade de seu fim a qualquer tempo ou momento. E, em decorrência, a possível inutilidade de tudo que ultrapasse a diária e inevitável luta pela sobrevivência, transfigurada em mera subsistência, por destituída de sentido, significado e grandeza. Se não a inutilidade, porém, a

RICARDO MARQUES

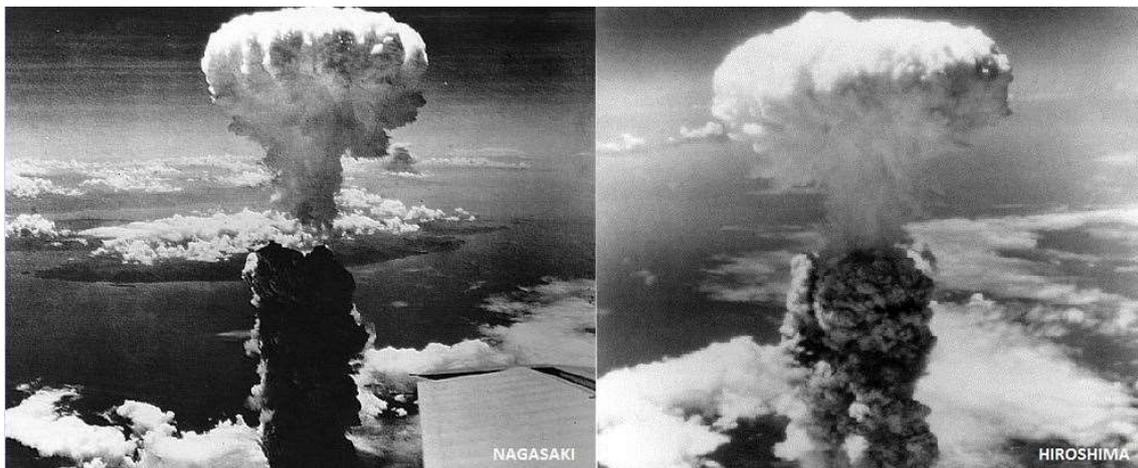
incerteza de sua utilidade, o que vem a dar no mesmo.

Em consequência, o artista moderno, somado a toda problemática humana individual e contingencial, carrega, ainda e além, esse drama geral, atroz. De que poderá não restar nem vestígios e nem memória de sua obra, já que os vestígios seriam

pulverizados e a memória é particularidade do ser humano. E este pode deixar de existir.

Mesmo que milênios após a hecatombe possa, outra vez, iniciar-se o ciclo da vida humana, animal e vegetal na terra, é inevitável que tudo o que se fez anteriormente nunca mais tenha possibilidade de ser resgatado, ainda que parcialmente. E nada reste do que foi esta civilização, nem ao menos como simples lenda. Como a da perdida civilização da Atlântida, por exemplo.

A humanidade enfrenta, pois, sem dúvida, o maior (e talvez o último) dos desafios: a possibilidade de destruição. Não por causas naturais incontrolláveis, mas, por iniciativa própria. Ou, mais precisamente, pela atuação (deliberada) de grupos que detêm o poder de controle das armas e pelo comportamento de populações que têm força para detê-los, mas que, ao contrário (parte por ação e parte por omissão), os sustentam e impulsionam.



Além de tudo, não só a ameaça nuclear ronda a terra. Como lembrado pelo jornalista César Vanucci (blog do Vanucci, de 23/04/2022), citando o cientista britânico Stephen Hawking,

também a assediam os perigos das armas biológicas, mudanças climáticas e até o desenvolvimento da inteligência artificial.



STEPHEN HAWKING

Contudo, a existência e o conhecimento desse drama (pela primeira vez ocorrente na História), não podem obliterar a criatividade do artista e nem empanar sua alegria criadora. Menos ainda devem deixá-lo (e a todo ser humano), inerte e omissos, aguardando, fatalisticamente, o possível e provável fim das coisas.

Atualmente, todo ser humano, além da luta pela própria sobrevivência, realização pessoal e contribuição à (e aperfeiçoamento da) sociedade, deve ter também, como inadiável e permanente obrigação, até mesmo instintiva, de lutar pela sobrevivência da espécie, real e objetivamente ameaçada. Concomitantemente e mesmo acima de qualquer outro problema urge exigir e obter (porque o planeta é de todos e a alternativa é a destruição) o congelamento da produção de armas nucleares e sua posterior eliminação.

Através de campanhas, ação, votos e do que for possível (e legítimo).

E não se pense (comodisticamente) que qualquer ato nesse sentido, só porque realizado em ponto remoto ou obscuro do planeta, não tenha repercussão ou importância. Tem.

Principalmente, se repetido e multiplicado por todas as partes da “aldeia global” (McLuhan), que é o mundo moderno.



Aturde constatar, ainda, que, diante de perigo tão real e concreto, os parlamentos e governos das demais nações nada façam de permanente e consistente para tentar reverter esse estado de coisas. E que, ao contrário, por megalomania e/ou fúteis questões de geopolítica, até mesmo procurem, alguns ou muitos deles, fabricar e possuir armas atômicas.

Será possível que, à semelhança do povo que tem o governo que merece, a humanidade terá o fim que merece? Não pelo que é, fez, significa e representa. Só as obras de seus grandes artistas, pensadores e cientistas já a resgatam. Mas, por ânsia de poder e defesa de privilégios por parte de uns e inconsciência, comodismo e conformismo dos demais?

Diz Marx que a humanidade não se coloca problemas que não possa resolver. Espera-se que aqui também ele tenha razão.

(editorial da revista *Dimensão* nº 11, de 1985; e do livro eletrônico *Razão e Circunstâncias*, outubro 2018)

Dimensão

Revista de Poesia

Uberaba, Ano VI - N.º 11 - 2.º Semestre 1985

歌人

☆ POETAS DO BRASIL, PORTUGAL, ARGENTINA, ESPANHA E URUGUAI

☆ TRADUÇÕES DE POEMAS DE JAMES JOYCE, PAUL
CELAN, FELIU FORMOSA E ALLEN GINSBERG

☆ POESIA JAPONESA DO SÉCULO X

Literatura

AS MINAS DE PRATA

Trama Aventuresca

“Durante todo o século 19 e até os inícios do seguinte, era comum um tipo de literatura popular que os críticos classificavam de “capa-e-espada”. Duelos, adultérios, intrigas, anéis que continham fulminante veneno, ódios ancestrais, roubo de donzelas e assassinatos de herdeiros, corrupção de alto a baixo no núcleo do poder.

Havia um personagem que não podia faltar num pandemônio desses: um frade espanhol. A trama geral até podia estar num momento tranquilo, as coisas dentro do possível, mas bastava aparecer o tal frade e tudo se complicava, todo mundo brigava com todo mundo.”

(CARLOS HEITOR CONI, Folha de São Paulo, São Paulo/SP, 19 junho 2009.)

A Trama



JOSÉ DE ALENCAR

Não há dúvida de que José de Alencar (Mecejana/CE, 1829-1877) lia muito tal tipo de romances.

Em *As Minas de Prata* (1865), se não há, entre os temas indicados por Coni, a citada corrupção, todo o restante e algumas coisas mais nele ocorrem, principalmente o frade espanhol, frei Gusmão de Molina, no caso perseguindo o roteiro das lendárias minas de

prata para obtê-las para a Companhia de Jesus, dos jesuítas.

No bojo desse fio condutor romanesco, peripécias de variado matiz vão se processando, acrescidas (ou agravadas) pelos amores contrariadíssimos dos pares formados pelos jovens Estácio e Inês (Inesita) e Cristóvão e Elvira, com o pai da primeira e a mãe da segunda opondo-se tenaz e terminantemente às suas respectivas uniões.

Com essas duas questões (luta pela posse do roteiro e usufruto das fabulosas minas e luta para vencer os obstáculos paternos), Alencar desenvolve, em mais de 800 (oitocentos) páginas de tipo miúdo, trama aventuresca, coalhada de incidentes, intrigas e confrontos, nos quais os protagonistas

engolfam-se por imposição de objetivos e pretensões contrariados.

Acontece de tudo, desde prisões e fugas de masmorras até batalhas navais, desde conspirações e traições até intrigas de cunho político internacional, como as tratativas e tentativas para preparação de invasão e tomada de Salvador pelos holandeses.

Episódios rocambolescos alguns, dramáticos e até trágicos outros, sucedem-se continuamente, mantendo as personagens em constante ação, perigo e sobressalto.

As maquinações até perversas de Molina responsabilizam-se por esse ritmo, em certas ocasiões, até frenético dos acontecimentos.

Num esquema ficcional dessa natureza e desse porte, não faltam exageros, exacerbações e os clichês mais recorrentes desse gênero romanesco, típico e só possível de existência nos quadros do romantismo, que, embora confinado aos elementos constritores da realidade material, só encontrava limites na maior ou menor capacidade imaginativa dos autores.

Como o poder de imaginação de Alencar excedia de muito o normal, seu livro está repleto de ações rocambolescas e de suspense, sem ultrapassar, todavia, as limitações de concepção e formulação dos típicos romances de aventuras e de capa-e-espada, o que significa destiná-lo apenas ao entretenimento superficial da casta de leitores que aprecia tal tipo de ficção sem maiores compromissos artísticos e culturais.

Por isso, e põe-se isso nisso, não é admissível considerá-lo, como alguns pretendem, o melhor romance de Alencar e um dos melhores da literatura brasileira.

Conquanto a obra alencarina seja vasta e tematicamente multiforme, e até por isso mesmo, seja desigual e marcada por altos e baixos, sobressaem nela apenas alguns poucos títulos, a exemplo de *Iracema* e *O Guarani*.

E não se inclui *As Minas de Prata* entre os melhores por obra destinada exclusivamente ao entretenimento, mesmo Alencar nela demonstrando habilidade em urdir a estrutura ficcional e encaminhá-la conforme adrede planejamento, pontilhando-a de circunstâncias e contingências ora extravagantes, ora eletrizantes, consoante o receituário do gênero romanesco perfilhado.

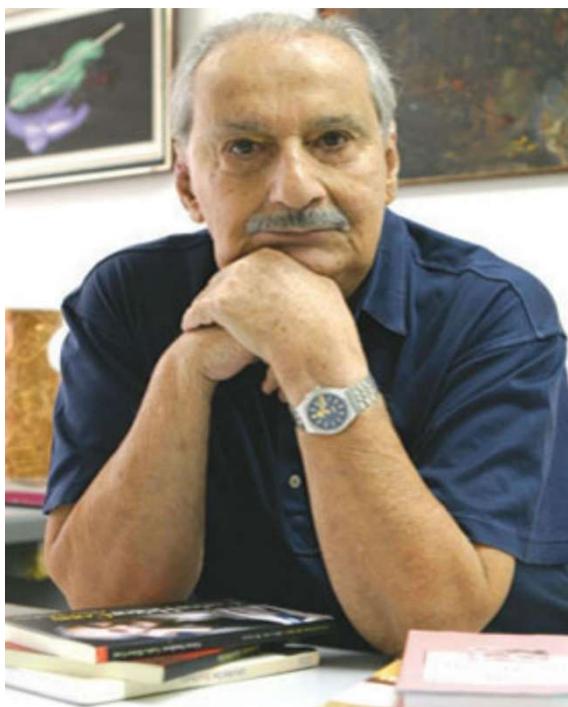
E habilidade e mesmo o bom gosto ainda não são arte, como muito apropriadamente entendia Goethe, ao afirmar em *As Afinidades Eletivas* (1809), que sua personagem arquiteto, “*renunciara a qualquer pretensão criadora; ateve-se aos seus esboços: a sua única preocupação era distribuir habilmente as figuras sentadas e as suspensas no ar, ornamentando assim o espaço com bom gosto*” (segunda parte, cap. 3, em tradução de Erlon José Pascual. São Paulo, Nova Alexandria, 2008).

No entanto, *As Minas de Prata*, dadas a flexibilidade da linguagem, o brilhantismo do estilo, a pletora e pertinência vocabular, não deixa de se constituir eficaz instrumento de capacitação verbal e expressional para o leitor que vise algo além do mero passatempo.

A Linguagem

Por isso, todavia, não se pode também desconsiderá-lo de todo, como alguns procedem.

No caso desse livro e de vários outros, o poder narrativo e descritivo de Alencar é acentuado e eficaz. A espontaneidade e a facilidade expressional constituem suas características mais evidentes, imprimindo consistência



CARLOS HEITOR CONI

dramática à ação, mesmo quando desenfreada e até cabulosa.

A perspicácia de Alencar cria nuances psicológicas em certos entreveros dos protagonistas. Sua base de informações, conhecimentos e sabedoria é de tal amplitude, que o romance é enriquecido de pormenores interessantes, que faltam a muitos livros da espécie.

A exuberância verbal e a acuidade de Alencar propiciam apreciáveis descrições, tanto de atividades das personagens quanto de locais e acontecimentos.

Tais atributos atenuam os defeitos congênitos desse gênero literário, conquanto não os supram nem os substituam, servindo, pelo contrário, como condimento romanesco para suportabilidade de tão longa quão vasta trama ficcional.

As Personagens

As duas únicas personagens consistentes do livro são o advogado Vaz Caminha e o padre jesuíta Gusmão de Molina. Não à toa são figuras da maior inteligência, sagacidade e cultura. Mas, não só por isso (ou não por isso), mas, por seu arcabouço mental-emocional-psicológico, com mentes altamente desenvolvidas, plexo emocional perfeitamente controlado (exceto nos momentos paroxísticos que atravessam já ao fim do livro), e psique equilibrada.

Às demais, faltam complexidade e estruturação humana, a não ser as figuras populares de Joantina, a alfeoleira, e Gil, moleque e escudeiro de Estácio.

Depois de Caminha e Molina, essas personagens sobressaem muito acima das demais em consistência humana.

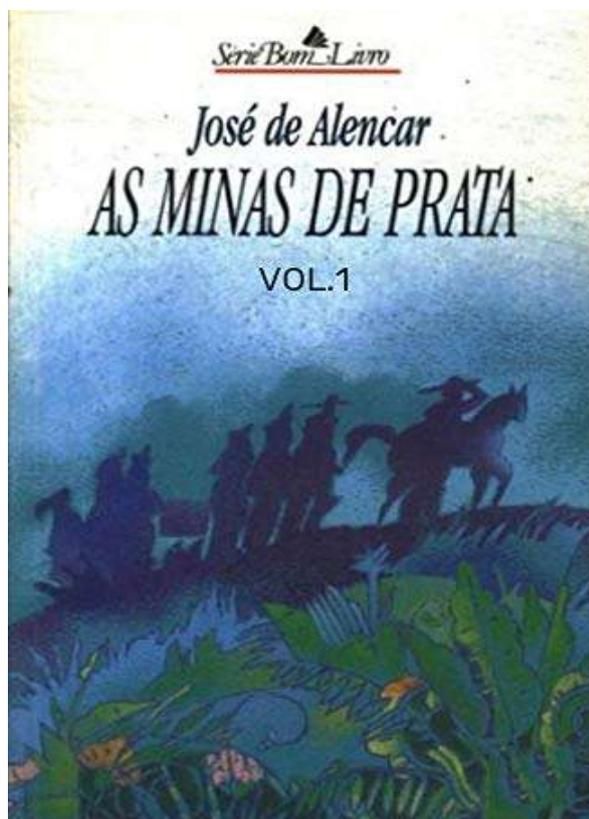
Os dois pares centrais do livro, os jovens enamorados Estácio > Inês e Cristóvão > Elvira, apenas se destacam pela suas posições na trama. São todas um tanto (ou totalmente) artificiosas, prejudicadas em seus biótipos pelas irrefreáveis paixões que Alencar lhes atribui, que não lhes deixam viver espontaneamente, visto que presas dos destinos exacerbados que lhes são impingidos.

As outras personagens nem mereceriam comentários, que não sejam para expor o vezo do romance de capa e espada romântico de idealizações e hipérboles nas figuras de João Fogaça, verdadeiro super-herói sertanejo, e do magarefe Tiburcino, exacerbadamente apaixonado por Joantina. São tipos

extravagantes, que vivem para servir os nobres e fidalgos. Tiburcino lembra o corcunda de *Nossa Senhora de Paris* (Notre-Dame de Paris, 1831), de Vítor Hugo, autor onipresente e altamente influente no Brasil no século XIX e, felizmente, só até inícios do século XX.

Trechos Destacáveis e Outros Nem Tanto

Em certos momentos, tanto as situações e as descrições atingem nível superior de concepção e expressão, a exemplo, entre outros notáveis, da luta travada no capítulo XX, da 1ª parte; o diálogo travado entre João Fogaça e Mariquinha e a reação de ambos quando esta comunica àquele que vai se casar e o desfecho do imbróglio são construídos com inexcelável perícia, dificilmente superada em semelhantes circunstâncias (cap. XXI); na visita de Vaz Caminha à residência da dama desconhecida tem-se visualização cinematográfica por meio da precisa exposição verbal do visto e observável (cap. XXIII); de igual modo, por força do diálogo vivo e fluente, a cena de Dulcita e Vilarzito no parreiral, fixa-se na mente e na imaginação do leitor como se presenciada (2ª



parte, cap. I); malgrado o excesso romântico desse encontro, sobressai a eficácia verbal e descritiva de Alencar no episódio (cap. IV); notável descrição do casebre, do local de trabalho e dos afazeres de Joaquina e, ainda, da elaboração do diálogo e exposição de Joaquina à Inesita e sua mãe dos benefícios um tanto miraculosos de seus doces, em texto magnífico (cap. VIII); para, em seguida, Joaquina narrar estória, parafraseando a situação do relacionamento amoroso entre Inesita e Estácio, com inteligência e artilosidade superiores às possibilidades de sua condição, em tributo romântico de Alencar a seu compromisso com a trama em detrimento da realidade (cap. IX); construção ficcional e formulação verbal esplêndidas (cap. XI); capítulo eletrizante com primoroso detalhamento factual do ambiente, dos incidentes e das inflexões, improvisos e alusões do sermão de Molina (cap. XII); habilidosa descrição e ênfase na exposição mental das personagens (cap. XVI); exorbitância e vezo românticos: a origem e a tragédia dos pais de Fernando de Ataíde (cap. XVII); narrativa ágil como a movimentação das personagens (cap. XVIII); hábeis ideação, narração e condução das tratativas de José de Aguiar e Samuel (cap. XX); relevante diálogo entre Fogaça e Cristóvão, com expressivos intervalos (cap. XXII); descomedimento romântico (e imaginativo) da ideação e execução da comunicação entre Cristóvão e Elvira, bem como da existência dos *três sentidos* de Fogaça (*idem*); narrativas ritmadas de conformidade com o desenvolvimento das ações aventurosas relatadas (3ª parte, caps. I e II); passagens extasiantes no âmbito do cânone aventuroso (caps. IV, VII e XII);

verdadeiro hino aos índios, corporificados em Abaré, o guardião das minas de prata, em demonstração típica do interesse, do respeito e da glorificação indigenista de Alencar (cap. XVI); acontecimento urdido cabulosamente em tributo ao mais desbragado romantismo (cap. XXI); outro desregramento (cap. XXII); Alencar espalhou tantas personagens, criou tantos incidentes, antagonismos e conflitos que, para conseguir finalizar o livro, começa a dar cabo de várias dessas personagens (caps. XXIV, XXV e XXVI); tentativa, um tanto canhestra, de atenuar os estragos efetuados anteriormente (cap. XXVII, último); finalização resgatadora das tantas desgraças e mortes ocorridas (epílogo), mas, olvidando o moleque Gil, inexplicavelmente.

(Inédito)

Cinema

A VANGUARDA CINEMATOGRAFICA

FRANCESA DA DÉCADA DE 1920

A Vertigem das Formas

O cinema nasce realista e documentário com os irmãos Lumière, torna-se sonho e espetáculo com Méliès, mergulha na teatralização e procura alçar-se à arte com o movimento do *film d'art* francês em 1907. Depois reparte-se em realizações de teor dramático, dominadas e pautadas pela ficção (Griffith, Chaplin, etc.), infletindo no fim da década de 1910, com o expressionismo alemão, para a via do privilegiamento dos elementos expressionais tornados tão ou mais importantes do que as histórias articuladas e narradas. Com o cinema revolucionário soviético alia expressão e concepção, mas, é com *l'avant-gard* francesa, atuante de 1921 a 1931, que radicaliza posições, com seu sentido puramente estético e absolutamente hostil e refratário ao convencionalismo e à linearidade da dramatização de fatos e acontecimentos. Num processo criador que busca atingir as formas puras da arte, amplia a visão da realidade com a incorporação de elementos irrealis, surreais e poéticos.

Almejando construir nova estética, envereda ou palmilha trilha experimental e de total liberdade de concepção e

elaboração e, em seus espécimes mais radicais, despreza e dispensa enredos, personagens e até cenários, enfocando temas de natureza abstrata.

*

Algumas dessas realizações mais expressivas compõem os dois vídeos da *Antologia Surrealista*, produzidos pela Continental Home Vídeo, de São Paulo.

RENÉ CLAIR

Entreato (Entr'Acte, França, 1924), de René Clair (1898-1981), é uma das obras marcantes do movimento, na qual o que se tem em lugar do vai e vem de personagens e de locações de

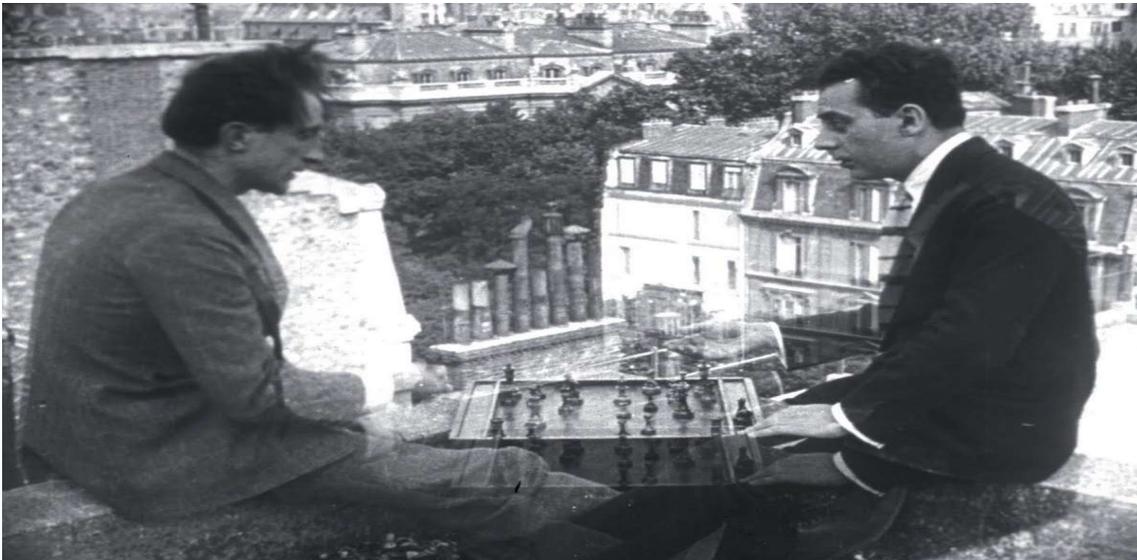


RENÉ CLAIR

interiores e exteriores é o ritmo frenético de imagens altamente sofisticadas, que ora absurdizam a realidade, como no féretro que escapa ao controle do bom-senso; ora a violentam como no ressurgimento do morto e

no seu ato de provocar o desaparecimento dos circunstantes e de si próprio; ora a fragmentam, explorando ângulos e aspectos inusitados, com o único objetivo de valorizá-los esteticamente, a exemplo das imagens do tiro ao alvo e do picadeiro do circo, em que a beleza reside na captação, cadenciamento e montagem das

imagens, abrangendo ângulos insólitos que ressaltam e exaltam detalhes para além da significação vinculatória à concreticidade fática.



ENTRETO

A consequência é realização sofisticada, brilhante, de ritmo e imagens arrebatadoras, criadoras de beleza artística cinematográfica ao utilizar fragmentos do real como exercício estético desdramatizado.

GERMAINE DULAC

Já *A Concha e o Clérigo* (*La Coquille et le Clergyman*, França, 1928), de Germaine Dulac (1882-1942), dispõe-se ficcionalmente apenas na aparência. Há personagens e situações. O padre, ora militar ora também clérigo, a dama, as criadas. A quebra da concha, o confessionário e a varrição. Há *décors* de interiores e tomadas de exteriores. Há as atitudes do padre. Contudo, não se articula trama com conteúdo dramático exposto pela ação ou relacionamento das personagens.

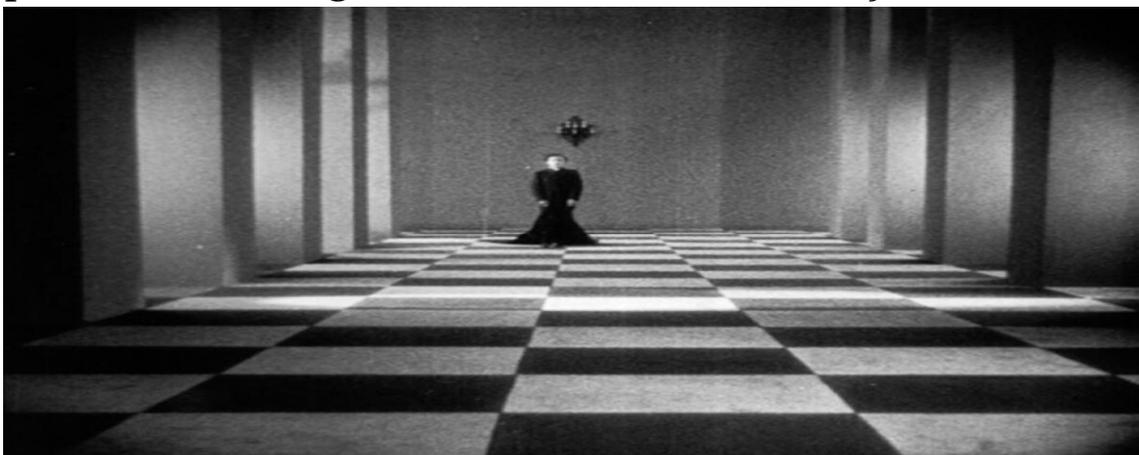
Pelas imagens que se tem delas infere-se não drama racionalmente inteligível, mas, suposições e sugestões, que podem ser (ou não) base para concepção do que se passa na tela.



GERMAINE DULAC

Obviamente, não é esse o objetivo da cineasta e o propósito do filme, senão o de, antes de organizar e expor uma estória, construir e ordenar imagens, concentrando nelas, e não no entrecho, o projeto fílmico. Daí certa ilogicidade de conteúdo e a liberação onírica do significado do que as imagens mostram. Se os sonhos possuem - e possuem - coerência interna, a correlação entre suas partes muitas vezes não acompanha nem corresponde à razoabilidade do real.

O filme de Dulac é, por isso, liberto das amarras da concatenação lógica e desvinculado de compromissos com a racionalidade, configurando, por força de suas virtualidades, consistente obra de arte, que, ao invés de narrar uma estória, produz beleza imagética, finalidade da arte e função do artista.



A CONCHA E O CLÉRIGO

MAN RAY



MAN RAY

Muito diversas e mais radicais do que *Entreato* e *A Concha e o Clérigo* são as três curtas-metragens de Man Ray (EE.UU., 1890-1976), *O Retorno à Razão* (Le Retour à la Raison, 1923), *Emak-Bakia* (Idem, 1927) e *A Estrela do Mar* (L'Étoile de Mer, 1928).

Na primeira, puramente abstrata, têm-se visuais, tais quais os denominados contemporânea imprópria e genericamente de poesia visual, só que *em movimento*. Imobilizados e seccionados do sequenciamento fílmico, redundam nos visuais como são conhecidos e praticados posteriormente.

Contudo, *O Retorno à Razão*, que se inicia essencialmente plástico, encaminha-se para a abstração de formas urbanas usuais e concretas, terminando por nuclear-se na estetização do nu feminino.

Se o conteúdo da imagem é artisticamente plástico, a imagem e sua conexão constituem cinema em alto grau de voltagem e de montagem, num exercício cinematográfico brilhante e criativo.

Por sua vez, *Emak-Bakia* desenvolve-se em três etapas distintas, abrangendo visuais puros, evocações de processos picturais e figuração humana. Bem mais extenso que o primeiro,

tendo uns oito minutos contra aproximadamente dois daquele, repete alguns de seus visuais antes de passar às etapas seguintes. Esse percurso vai do mais extremado abstracionismo visual às figuras humanas em ação, sejam dirigindo carro, sejam entrando em loja, onde, outra vez, retorna ao abstracionismo puro com o malabarismo de simples colarinho, que, à época, era peça autônoma.



EMAK-BAKIA

Tanto em seu nível abstrato como na captação de imagens reais, o filme é realização cinematográfica sofisticada e esteticamente consciente, de imagens, fotografia, angulação, ritmo e montagem das mais avançadas possíveis, tanto artísticas quanto tecnológicas.

A Estrela do Mar é o mais complexo e longo desses três filmes de Man Ray, atingindo a faixa de onze minutos. Nele tem-

se não o visual, mas, a própria pintura em movimento. De grau em grau de ampliação desde *O Retorno à Razão*, o cineasta realiza filme pictográfico no qual as figuras humanas e a paisagem diluem-se imagetivamente como as pinturas impressionistas. De igual modo que nestas, o efeito é de extrema beleza. O ressurgimento, de inopino, uma ou outra vez, da nitidez da imagem, mais do que estabelecer contraste, valoriza ambos os recursos, mercê dos respectivos atributos estéticos.

A Estrela, do Mar não se restringe a visualizar e verter imagetivamente o poema homônimo de Desnos. É, por si, autêntico poema cinematográfico, com aspectos e elementos específicos.

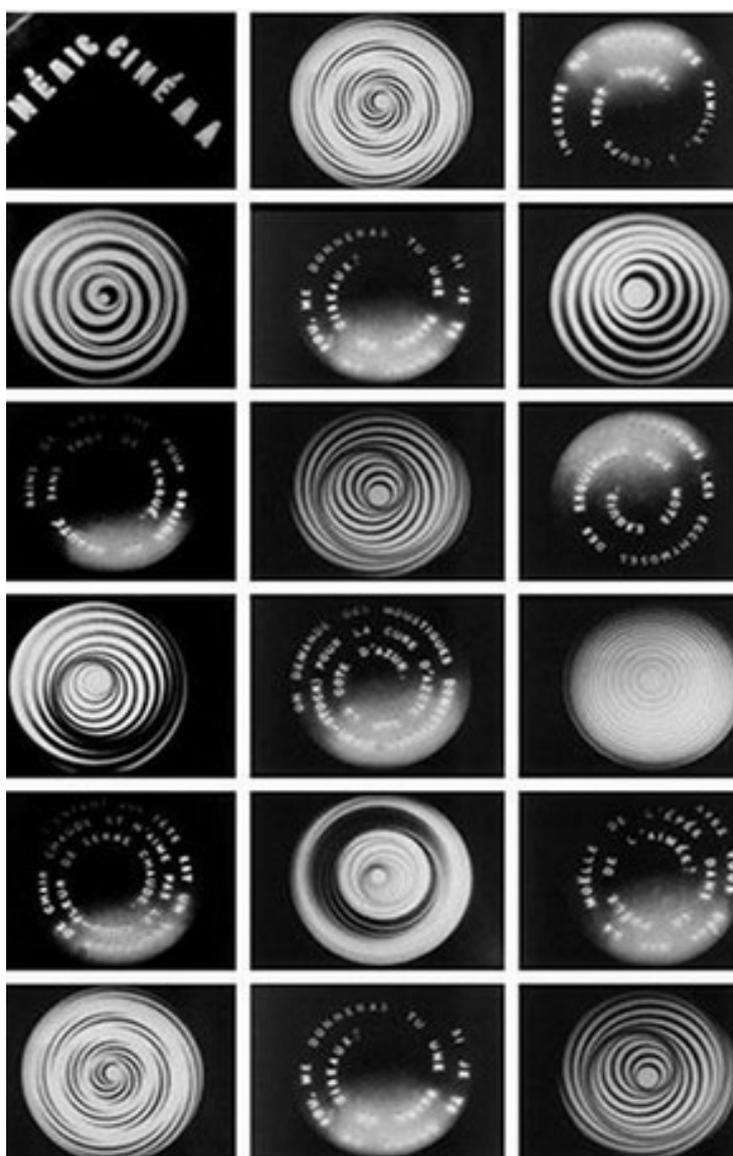
MARCEL DUCHAMP

Cinema Anêmico (Anemic Cinéma, França, 1926), de Marcel Duchamp (1887-1968), exhibe série de variações visuais dinâmicas, termos que até poderiam designar essa curta-metragem de aproximadamente cinco minutos. Não é filme experimental porque Duchamp não age no cerne de linguagem cinematográfica, mas dela se utiliza para modelar a visualização do movimento.



MARCEL DUCHAMP

Em torno de esfera central lança espirais concêntricas que produzem efeito estético, unindo forma, mobilidade e ritmo. Cada visual é precedido de legenda que procura infundir sentido à sua contínua mutabilidade. Contudo, são, tais inscrições, ora arbitrárias, ora sutis, sendo sua maior (ou única) eficácia a de servir de inteligente intervalo entre eles. O filme é, tanto do ponto de vista cinematográfico como plástico, de alto nível de realização e criatividade, o que não surpreende partindo de quem parte.



CINEMA ANÊMICO

FERNAND LÉGER

O Ballet Mecânico (Le Ballet Mécanique, França, 1923), de Fernand Léger (1881-1955), perfaz-se em verdadeira dança das



FERNAND LÉGER

formas, em que desenhos, máquinas, corpos, rostos e objetos diversos são submetidos ao ritmo vertiginoso e frenético da celeridade imagética.

Estruturas, movimento, ritmo e velocidade conjugam-se numa sucessão caleidoscópica de imagens artística e criativamente concebidas e executadas, demonstrando, conjugadamente, inventividade individual e as

possibilidades do cinema.

A configuração formal da imagem é ampliada pela mobilidade, enquadramento e montagem em processamento sintetizador dos elementos utilizados na obra.

Por sua vez, a sequência da velha subindo indefinidamente a escada, a par de revelar um dos recursos ilusionistas do cinema, reporta-se ao mito de Sísifo, condenado eternamente a levar ao alto do morro uma pedra que sempre volta ao ponto de partida, mito magistralmente descrito por Albert Camus.

Não por acaso, Man Ray, Duchamp e Léger são artistas plásticos, que unem, esteticamente, formas, ritmo e movimento, imprimindo-lhes e aduzindo-lhes novos efeitos.



O BALLET MECÂNICO

Muito do que se tem depois, em matéria de visual ou de cinema, já está nesses e em outros filmes de vanguarda dessa época. Basta lembrar, por exemplo, a focalização de pés e pernas em andamento, recurso inúmeras vezes utilizado posteriormente.

(do livro físico *Clássicos do Cinema Mudo*, 2003; e do livro eletrônico *Obras-Primas do Cinema Europeu*, dezembro 2018)

História do Brasil

Controvérsias

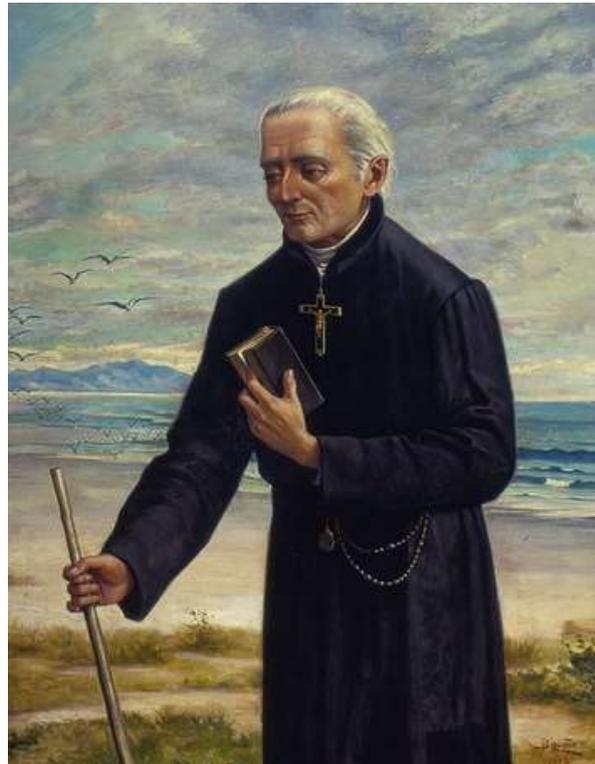
OS JESUÍTAS

Duas categorias de pessoas que atuaram nos primeiros séculos do período colonial brasileiro são, vez por outra, atacadas em seus propósitos, finalidades, atuações, atos e resultados: os jesuítas e os bandeirantes, conquanto sejam mais largamente elogiados e glorificados.

Por estranho que possa parecer à primeira vista, ambos os posicionamentos são legítimos, visto baseados tanto na prática secular organizacional dos jesuítas quanto na estruturação e finalidade de inúmeras bandeiras.

Há, pois, razões suficientes para justificar essas posições sem que incidam em contradição, mas, ao contrário, compõem visão global e não unilateral de sua prática histórica.

Os jesuítas se propuseram, com denodo, sacrifício e determinação à conversão do gentio. Porém, não só.



PADRE ANCHIETA

No livro *A Conversão do Gentio* (Rio de Janeiro, edições de Ouro, 1968), o historiador e professor do Internato do Colégio Pedro II, Mecenas Dourado, analisa e transcreve o célebre texto do padre Manuel da Nóbrega *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio*, expondo juntamente com o próprio padre as dificuldades intransponíveis desse desiderato, a ponto de já no primeiro desses diálogos uma das personagens de Nóbrega (Gonçalo Álvares, jesuíta), exclamar: *“Por demais é trabalhar com estes! São tão bestiais, que não lhes entra no coração coisa de Deus!”*, ao que retruca Mateus Nogueira, dado como ferreiro: *“como este gentio não adora nada, nem crê nada, tudo o que lhe dizeis se fica nada”* (p. 181/182).



PADRE MANUEL
DA NÓBREGA

Em seu livro, Mecenas Dourado, às p. 100 e seguintes, citando o padre Sarafim Leite, grande historiador dos jesuítas no país, relaciona quinze aldeias indígenas organizadas e dirigidas pelos jesuítas na Bahia, na maioria das quais todos os índios fugiram e as demais despovoaram-se em decorrência de peste e fome, ao que acrescenta, às p. 104/105:

“Não deixa de ser um paradoxo da civilização cristã, que os padres ofereciam com a catequese, permitir que o indígena

morresse à fome, fenômeno que, segundo nos parece, nunca se verificou no regime da civilização tradicional deste gentio”.



Ademais disso, e por causa disso, o citado historiador revela, à p. 118, que:

“a atividade econômica da Companhia no Brasil foi tão grande quanto a atividade evangélica da catequese. A preocupação econômica de Nóbrega em garantir os fundamentos materiais das missões igualou ao zelo espiritual do catequista”, aduzindo, ainda, que os próprios *“contemporâneos criticaram a extensão e a intenção mercantil dos padres”.*

À evidência, que qualquer empreendimento, seja de que natureza for, há de estar estruturado em sustentável base material e econômica, sob pena de não durar e nem cumprir seu objetivo, base, no entanto, que não pode perder seu caráter instrumental, transmutando-se em finalística.

Assim, o fato de que, como diz Mecenas, *“paralelamente à catequese, os padres dedicaram-se às suas granjas, engenhos, currais e mais atividades comerciais”* (p. 119), é não só normal como necessário, haja vista que, como dito, algumas das aldeias baianas foram despovoadas pela fome.

A questão, contudo, nesse tópico, é que pesam contra os jesuítas as acusações de até mesmo escravização do índio, conforme defendida pelo padre Manuel da Nóbrega em seu *Apontamentos de Coisas do Brasil*, transcrita à p.85/86 do livro de Mecenas:

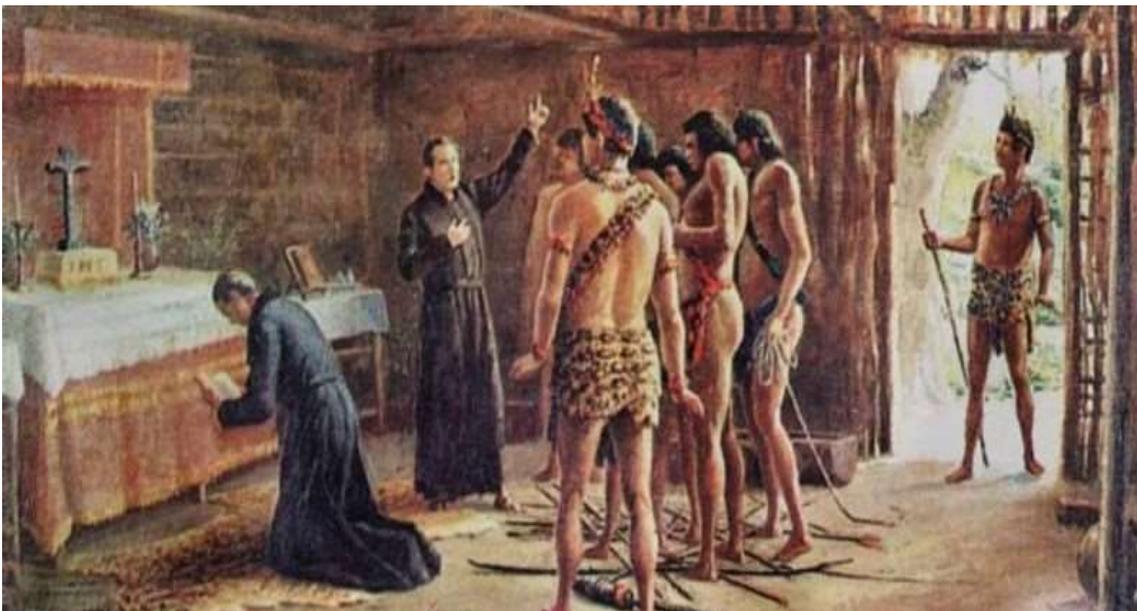
“Primeiramente o gentio se deve sujeitar [...] Sujeitando-se o gentio, cessarão muitas maneiras de haver escravos mal havidos e muitos escrúpulos, porque terão os homens escravos legítimos, tomados em guerra justa, e terão serviço e vassalagem dos índios e a terra se povoará e Nosso Senhor ganhará muitas almas e S. A. [Sua Alteza, O Rei] terá muita renda nesta terra, porque haverá muitas criações e muitos engenhos já que não haja muito ouro e prata”.

O que é corroborado por Anchieta em sua aprovação da guerra aos índios em Piratininga, ao escrever nas *Cartas* (conforme citado por Dourado à p. 90 de seu livro), que *“esta guerra foi causa de mui bem para os nossos antigos discípulos, os quais são agora forçados pela necessidade a deixar todas as suas habitações [...] e recolherem-se todos a Piratininga ... e desta maneira podem ser ensinados nas cousas da fé [...] havendo um alcaide que os obriga a entrar na igreja”.*

Mecenas ainda informa, à p. 173/174, que *“verificada a vanidade da catequese, como instrumento de conversão, os jesuítas continuaram a trabalhar com o indígena, fazendo dele, principalmente, seu auxiliar na atividade econômica das granjas, armazéns, currais, pescarias, fazendas, etc., que*

deviam manter os colégios, não mais para catequistas [...] mas seminários para filhos de portugueses e brasileiros”.

Nesse sentido, Reinaldo José Lopes (“Igreja Católica Contribuiu no Sumiço de Povos Indígenas nas Américas”, *Folha de São Paulo*, 10 setembro 2019), afirma que “a criação dos aldeamentos ou reduções jesuíticas [...] favoreceu a desagregação cultural e o alastramento de doenças infecciosas do Velho Mundo contra as quais os índios não tinham defesas naturais” e ainda que nos “aldeamentos de São Paulo e outros núcleos antigos de colonização no século 17 [...] a mão de obra indígena também era empregada pelos religiosos ou arrendada por eles aos outros colonos”.



TELA DE BENEDITO CALIXTO (1853-1927), ANCHIETA E NÓBREGA NA CABANA DE PINDOBUÇU

Pesa ainda contra os jesuítas o fato de que, quando expulsos do Brasil, “eram senhores de bens excessivos para uma congregação religiosa de pobres. É certo, também, que sua atividade mercantil fora enorme e em desproporção com a

natureza de suas funções evangélicas, o que, aliás, era de vez em vez, lembrado, em documentos pontificiais” (Mecenas, p. 119).

Agressões

Os jesuítas, no seu intuito e prática de aldear e defender os indígenas da escravidão a que eram destinados, sofreram - além dos ataques de bandeirantes às reduções que implementaram - diversas agressões, conforme abaixo indicadas:

1611 – Lei desse ano determina que o governo temporal dos aldeamentos, até então exercido pelos jesuítas juntamente com o espiritual, seja desempenhado por capitão–mor morador da aldeia.

02/1640 – Intimados pelo povo e camaristas a saírem de São Paulo em face de sua defesa dos índios e pregações contra o desregramento dos colonos, os jesuítas são obrigados a sair dias depois. D. João IV ordena que os padres sejam readmitidos, com o que os paulistas não concordam, resolvendo-se a questão tempos depois com termo de conciliação impondo certas restrições aos clérigos.

04/1655 – À instância do padre Antônio Vieira, ato legislativo proíbe novos casos de escravização dos indígenas.

07/1661 – Conflitos entre colonos e jesuítas, em decorrência da defesa dos índios procedida pelos padres e sua

companha pela moralização dos costumes, tornam-se generalizados na Colônia, chegando a ponto de, em Belém/PA, autoridades administrativas e líderes populares, com apoio do clero secular, prender os jesuítas, incluído o padre Antônio Vieira, e enviá-los à Lisboa.

1759 – O marquês de Pombal decreta o banimento dos jesuítas do território português, atribuindo à Cia. de Jesus a responsabilidade por alegada conspiração contra o Rei.

1761 – Por Carta Régia os bens da Cia. de Jesus são confiscados e incorporados à Coroa.

1773 – Decretada, por bula, pelo papa Clemente XIV, a extinção da Cia. de Jesus.

Reconhecimentos

1686 – Carta Régia reintegra os jesuítas na direção espiritual e temporal dos aldeamentos, da qual haviam sido excluídos por lei de 1611.

1814 – Restaurada a Cia. de Jesus pelo papa Pio VII.

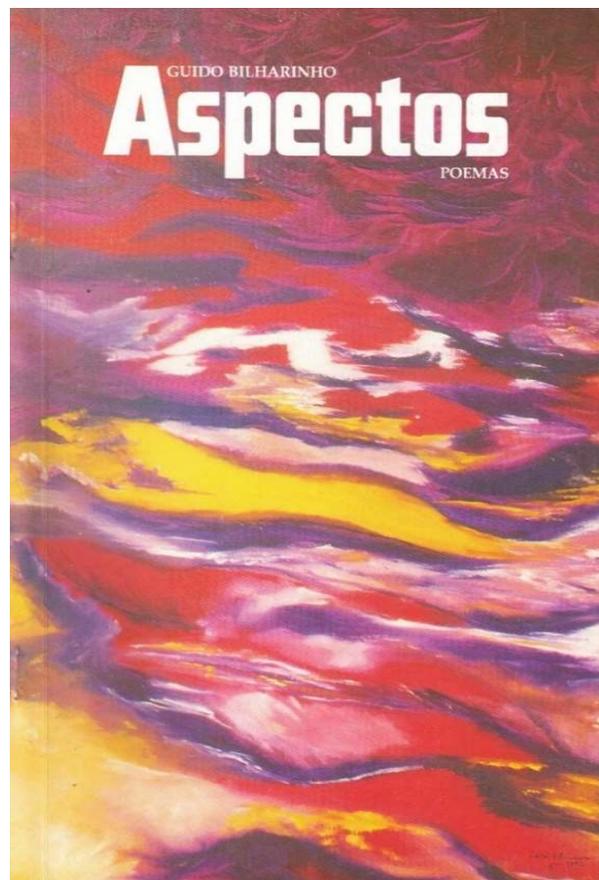
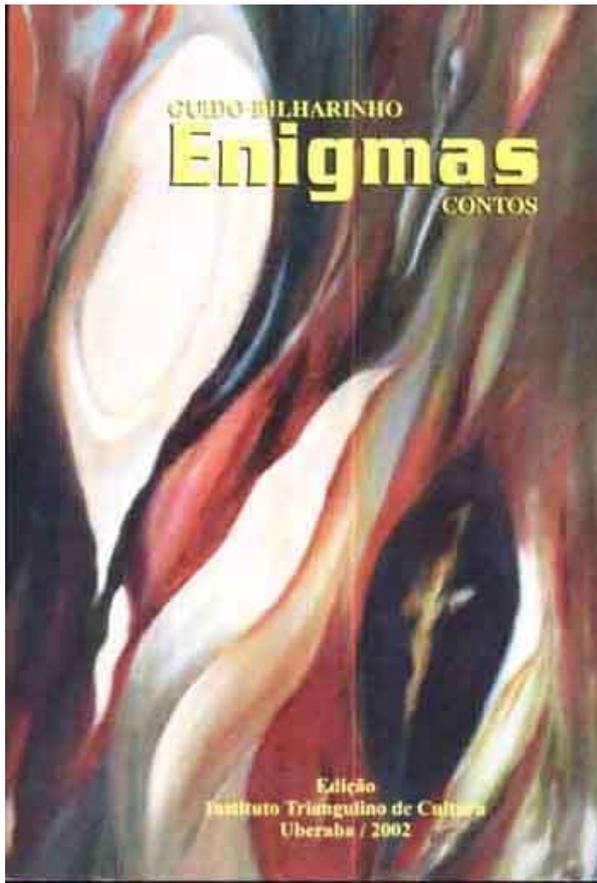
(Inédito)

Ficção

o jornal

esperava o jornal que um dos condôminos do prédio lhe mandaria observava por isso o movimento do vai e vem do elevador ansioso para saber as notícias normalmente não comprava nem lia jornais o dinheiro do salário não dava para esse luxo tudo que não fosse indispensável à sobrevivência imediata era inatingível visto ter que acudir o necessário o que nem conseguia quanto mais comprar jornal para saber coisas que não o afetavam diretamente e a maior parte nem entendia a não ser crimes desastres futebol o jornal não chegava sua impaciência crescia o que estaria ocorrendo se o elevador disponibilizava-se para trazê-lo por fim estava descendo como indicava o mostrador agora era só aguardar pegá-lo voltar para a mesa para saboreá-lo devidamente enfim chega o elevador mas quando dá por si vê o jornal sair de seu interior andando com naturalidade em sua direção mas ele é que não estaria lá para esperá-lo

(do livro físico *Enigmas*, 2002)



Poesia

vigília

em cores

estrada

de pedras

memória

sob silêncios

passos

destino

pesadelos agonias

lapas luras árvores

favos e flavos

às orlas

de glórias e fumaça

vias

de folhas

afuflando fafos

em noites e águas

de vento

linhas

aflam ares

sons

(do livro físico *Aspectos*, 1992)

Indicações

(Indications)

**ACESSO, LEITURA, IMPRESSÃO E
COMPARTILHAMENTO LIVRES E GRATUITOS**

**FREE AND GRATUITY ACESS, READING, PRINTING
AND SHARING**

MELHORES FILMES EUROPEUS

LIVROS DISPONÍVEIS NO BLOG

<https://guidobilharinho.blogspot.com/>



**ENSAIOS DE CRÍTICA
CINEMATOGRAFICA**

GUIDO BILHARINHO

FILMES EUROPEUS ÓTIMOS



**EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA/BRASIL - ABRIL 2021**

ENSAIOS DE CRÍTICA
CINEMATOGRAFICA

GUIDO BILHARINHO

FILMES EUROPEUS MUITO BONS - I



EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA - FEVEREIRO 2021

**ENSAIOS DE CRÍTICA
CINEMATOGRÁFICA**

GUIDO BILHARINHO

FILMES EUROPEUS MUITO BONS - II



**EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA - MARÇO 2021**

ENSAIOS DE CRÍTICA
CINEMATOGRAFICA

GUIDO BILHARINHO

FILMES EUROPEUS BONS



EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA - JUNHO 2021

LANÇAMENTOS! (RELEASES!)

GUIDO BILHARINHO

POETAS AMERICANOS EM DIMENSÃO

ORGANIZAÇÃO



EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA/BRASIL - ABRIL 2022

BLOGS: <https://guidobilharinho.blogspot.com/>
<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com/>



JOÃO TEIXEIRA ÁLVARES

MONTEZUMA

PEÇA TEATRAL

3ª EDIÇÃO

REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES

UBERABA/BRASIL - ABRIL 2022

BLOG: <https://autoresuberabenses.blogspot.com/>

BLOGS CULTURAIS

BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

UM LIVRO POR MÊS DESDE SETEMBRO/2017

58 VOLUMES EDITADOS

LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL – TEMAS
REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS

<http://guidobilharinho.blogspot.com/>

DIMENSÃO – Revista Internacional de Poesia

(1980 a 2000)

Coleção Completa - 635 poetas de 31 países

Índices Onomásticos - Repercussão da Revista

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br/>

BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

34 Volumes Editados – Diversos Autores

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO - HISTÓRIA -
ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE
- SISTEMA FLUVIAL - TEATRO - BIBLIOGRAFIA

AUTORES UBERABENSES

9 Livros Publicados

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

POESIA – BIOGRAFIA – ARTIGOS – ENSAIOS - TEATRO

Revista PRIMAX – Arte e Cultura

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

Revista NEXOS – Estudos Regionais

<https://revistaregionalnexus.blogspot.com/>